



Muitas revelações na história de cada escrita

ROSANE LIKOSKI GUBIANI¹, COM CONTRIBUIÇÕES DA EQUIPE DE REDAÇÃO DA REVISTA AVISA LÁ

A publicação de *Psicogênese da Língua Escrita*², em 1979, trouxe mudanças significativas na teoria e na prática da alfabetização. Baseado em pesquisas desenvolvidas por Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, o livro divulgou em larga escala os processos pelos quais as crianças constroem conhecimentos sobre a escrita. As autoras, alicerçadas na consistente teoria de Jean Piaget, de quem foram alunas, lançaram um olhar revelador sobre o sujeito que aprende. Graças a essas pesquisas, sabemos que as crianças já possuem hipóteses sobre a escrita antes mesmo de escreverem convencionalmente, e que se utilizam delas quando começam a escrever. O conhecimento que a criança vai construindo a respeito da lín-

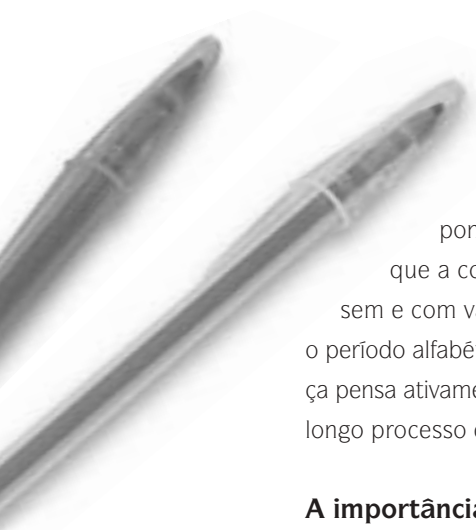
CONHECER, ACOMPANHAR E ANALISAR AS HIPÓTESES DAS CRIANÇAS SOBRE A ESCRITA É FUNDAMENTAL PARA O EDUCADOR QUE ALFABETIZA. EM VIDEIRA, MUNICÍPIO DO SUL DO BRASIL, PROFESSORES DESENVOLVERAM UM INTERESSANTE TRABALHO DE ORGANIZAÇÃO DE PORTFOLIOS SOBRE O PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA DE SEUS ALUNOS

gua escrita tem início em seu ambiente social, a partir do acesso a diferentes materiais portadores da escrita, das observações e das reflexões sobre o seu uso.

Acompanhar a aquisição da escrita pela criança e observar de maneira informada (isto é, conhecendo a psicogênese da língua escrita) as diferentes fases pelas quais ela passa, desde o momento em que começa a diferenciar as marcas gráficas figu-

¹ A professora Rosane é formadora do programa PROFA Manutenção do Município de Videira.

² Emilia Ferreiro e Ana Teberosky, *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.



rativas das não figurativas (desenho e escrita), passando pelo período em que encadeia letras sem a correspondência silábica, até o período em que a correspondência silábica acontece sem e com valor sonoro para, então, alcançar o período alfabético. Em todas essas fases, a criança pensa ativamente sobre a escrita e já iniciou seu longo processo de alfabetização.

A importância de descobrir o que o aluno já sabe

O olhar do professor para o conhecimento prévio do aluno é premissa de um modo de ensinar baseado no construtivismo, pois considera o que a criança já sabe, que informações ela já tem e que poderão servir de apoio na aquisição de novos conhecimentos e na reconstrução de seu conhecimento.

A aprendizagem, portanto, e o ensino, não são únicos e homogêneos em uma sala de aula. Dessa forma, um aspecto importante dentro dessa concepção de aprendizagem diz respeito à avaliação de percurso, realizada durante o processo de aquisição da escrita. Essa avaliação é um instrumento que pode revelar tanto aquilo que os alunos estão aprendendo, quanto se o trabalho do professor está acontecendo de forma produtiva, e principalmente, que intervenções poderão ser feitas para contribuir com o avanço da aprendizagem.

Os diagnósticos iniciais por meio de atividades específicas (ditado) ou, entrevistas individuais sobre o que a criança escreveu possibilita ao professor ter pistas sobre o que o aluno pensa.

Acompanhando os saberes dos alunos em Videira

Com o intuito de acompanhar as crianças em processo de alfabetização, professores do muni-

Planejar um ditado para verificar os conhecimentos das crianças

Uma situação de ditado pode ser de grande ajuda para o professor, desde que ele compreenda os critérios dentro dos quais a atividade foi elaborada. A idéia é ditar uma pequena lista de quatro palavras com as seguintes características: a primeira palavra deve ser polissílaba, a segunda trissílaba, a terceira dissílaba e a quarta monossílaba. Outra característica importante das palavras da lista a ser ditada é que nas sílabas contíguas não se repetam as mesmas vogais, já que a variedade de letras numa mesma palavra é uma das exigências que a


criança estabelece na sua fase inicial do processo de aquisição da escrita.

Durante a atividade, o professor precisa tomar alguns cuidados. Em primeiro lugar, ele deve evitar escandir as palavras, isto é, ditá-las marcando as sílabas. Deve solicitar a leitura do aluno assim que este der por terminada a escrita de cada item da lista. Essa leitura é tão ou mais importante do que a própria escrita, pois é ela que permite ao professor verificar se o aluno estabelece algum tipo de correspondência entre as partes do falado e as partes do escrito.

E, evidentemente, é importante não corrigir o que o aluno escrever, pois o que queremos é saber exatamente como ele pensa.

Essa atividade deve ser feita individualmente e o seu resultado não deve, em hipótese alguma, servir de avaliação para que o professor tome decisões que vão afetar a vida escolar do aluno, como colocá-lo em classes "fortes" ou "fracas".

"Por que e como saber o que sabem os alunos" – Programa de Formação de Professores Alfabetizadores (PROFA), Ministério da Educação, 2001.



cípio de Videira³, em Santa Catarina, organizaram um trabalho com portfólios de seus alunos do pré até o fim da primeira série do Ensino Fundamental, seguindo o seu trajeto na escrita e observando a evolução de suas hipóteses. Esse trabalho foi realizado a partir do PROFA – Programa de Formação para Professores Alfabetizadores. Nesse município os professores seguem com os mesmos alunos durante todo o processo inicial de alfabetização, o que possibilita o acompanhamento longitudinal de seu percurso.

A organização da produção das crianças em portfólios seguiu a linha do tempo da evolução da escrita de cada uma delas, valorizando cada etapa do processo de alfabetização e enfatizando a construção do conhecimento do aluno em seu percurso, e não apenas seu resultado final. Vale dizer ainda que a importância do trabalho com os portfólios reside na possibilidade de o professor poder avaliar a produção de seus alunos a partir de seus trabalhos mais significativos, para então propor novas atividades.

A seguir, o relato da coordenadora do PROFA, Rosane:

Num primeiro momento, os professores consideraram importante mostrar algumas entrevistas individuais sobre a escrita feitas com as crianças, pois isto possibilitava a análise dos conhecimentos delas no início de 2002 e como evoluíram com o passar dos dias. Em seguida, expuseram atividades de listas, por ser esse um tipo de texto que, além de bastante trabalhado pelos professores, é muito utilizado socialmente e, por isso, significativo para a criança. E incluíram uma atividade de leitura de textos que se sabe de cor, por considerarem muito importante a criança ter de acionar as estratégias de leitura e pôr em jogo o que sabe para aprender o que não sabe, rompendo com a idéia de que é preciso decodificar tudo para aprender a ler.

Ainda nas atividades de pré-escola, foi realizada, no final do ano, a escrita de um texto que se sabe de cor, feita em duplas, que nos mostra uma escrita alfabética. Essa evolução prova que, se bem trabalhada, a criança vai ressignificando suas idéias, passando, ao final de aproximadamente um ano, de uma escrita pré-silábica a uma escrita alfabética.

Nesta turma, quase todos terminaram o ano com uma escrita alfabética e lendo convencionalmente. Isso nos deixou muito entusiasmados com a proposta e nos provou que os resultados são muito positivos, pois promovem um processo de alfabetização significativo já na pré-escola, quando a criança é colocada desde cedo em um contexto de letramento que exige leitura e escrita.

Durante o ano, a professora trabalhou muito com literatura infantil e organizou uma espécie de ficha de controle, na qual os alunos registravam o empréstimo dos seus livros. Dessa forma, sabiam que títulos já tinham lido, os de que mais gostavam, etc. Consideramos esta uma boa atividade, pois permite ao aluno saber que a escrita serve como registro do que é importante ser lembrado, configurando-se numa situação real de escrita.

Em 2003, a professora lançou o projeto “Lendas e personagens do folclore brasileiro”, promovendo uma pesquisa exhaustiva sobre o assunto em livros, internet e revistas. Através da leitura do que os alunos haviam produzido, fez-se uma seleção do que era mais interessante, que foi editado sob a forma de um livro de lendas e personagens folclóricos, para ser doado para a Biblioteca da Escola. Nessa produção, pudemos ver quanto as crianças se apropriaram das características linguísticas da lenda e do texto descritivo, pois tinham que caracterizar os personagens e reescrever as lendas. Esse projeto foi socializado com outras turmas da escola, e cada criança quis confeccionar o seu próprio livro. Foi muito significativo para elas, pelo fato de terem um produto final concreto a ser apresentado e doado para alguém.

³ Finalista do Prêmio Além das Letras – Ver artigo na seção Formação nos Municípios.

A escrita de Sara

A evolução da escrita de Sara, aluna da professora Marisa Rosane Delani, da Escola de Educação Básica Vilson Pedro Kleinübing, durante os anos 2002 e 2003, quando estava no pré e na primeira série do Ensino Fundamental, respectivamente.

A primeira escrita de Sara que temos em seu portfólio data do dia 06/03/2002, quando ela estava iniciando o pré. Solicitada a escrever “bolo”, “pastel”, “brigadeiro” e “guaraná”, temos o seguinte:

Escrita pré-silábica

Nesta etapa, Sara já utiliza letras convencionais, tiradas ou não de seu nome e, portanto, já possui muitos conhecimentos. Há ainda uma mistura de números e pseudo letras.

Sua escrita sugere que está numa transição em relação à hipótese da quantidade de letras – uma ou três para cada palavra. Quando utiliza três letras, não as repete na mesma palavra: critério de variedade interna.

E quando a professora pede que leia, o faz de uma vez só, da esquerda para a direita.

SARA
D - bolo
LIA - pastel
ROV - brigadeiro
T - guaraná

março de
2002

SARA
LO - bolo
SOA - (brigadeiro)
AV - pastel
U - guaraná
AE - (chocolate)
BP - (coca)

abril de
2002

Em 08/04/02, ainda pré-silábica, Sara já não escreve nenhuma palavra utilizando-se de apenas uma letra. A não repetição das letras na mesma palavra se mantém, assim como a forma com que lê: direto, da esquerda para a direita.

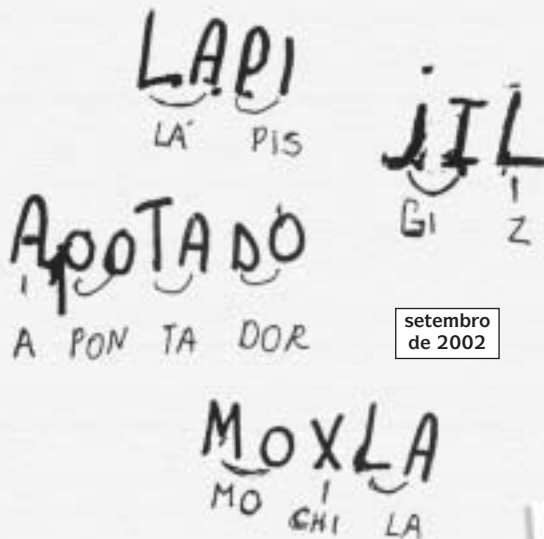
Da escrita pré-silábica para a silábica

Um mês e uma semana depois, e olha o que está acontecendo com a Sara! Há uma transição da fase pré-silábica para a silábica. É importante saber que essa passagem não se dá definitivamente de uma hora para a outra, justamente porque a criança está construindo e testando as suas hipóteses, e é por isso que ela pode apresentar escritas tão diferentes no mesmo momento. No caso da Sara, para escrever “bolo” e “pastel”, ela manteve a escrita pré-silábica, mas aumentou o número de letras utilizadas nas duas palavras. A leitura também se dá de forma direta, da esquerda para a direita. No entanto, ao escrever “coca”, “chocolate” e “cuca maluca”, Sara escreve de forma silábica, pois atribui a cada letra a sílaba da palavra. Há uma fonetização da escrita, que caracteriza essa fase. Também é interessante notar que há valor sonoro na escrita de Sara, ou seja, ela representa a sílaba pela vogal correspondente ao seu som; a única exceção está na palavra “chocolate”, em que ela utilizou um “e” para a sílaba “co”, o que pode ter sido causado pela recusa em repetir a mesma letra seguidamente.

SARA
GANIT - bolo
ACIT - pastel
GA - coca
OEA - chocolate
OAAVA - cuca maluca

maio de
2002

Sara parece estar passando por muitos conflitos cognitivos. Quando escreve “pastel”, “bolo” e “coca”, coloca letras a mais, que são riscadas no momento da leitura. Ao ler pastel, bolo e brigadeiro o faz silabicamente. Em “morango” Sara acrescenta um “o” pois não acha possível um final com “t”. Em “bis” o conflito acerca da quantidade de letras se explicita na leitura. Para ela, como para todas as crianças nessa etapa, ao escrever uma palavra é necessário ter um mínimo de 3 letras, e ao ler “essa palavra” lhe parece ter apenas uma letra. Então, ao ler, faz o movimento de juntar todas as letras em uma única emissão sonora.



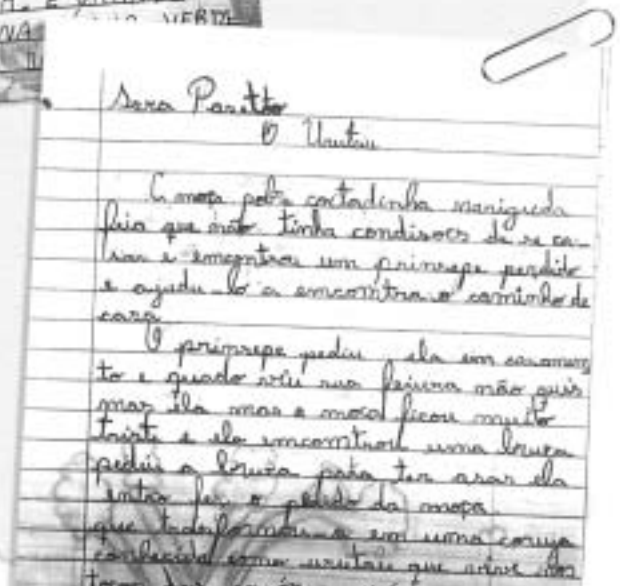
Depois de praticamente um ano participando de várias atividades de leitura e escrita, recebendo ajuda da professora e de colegas mais experientes, Sara avançou muito. Está alfabética, ainda que com erros ortográficos. “Apontador”, “mochila” e “lâpis” estão próximas da escrita convencional. A escrita de “giz” ainda lhe traz dúvidas. Analisando o seu percurso, podemos afirmar com toda a certeza que ela trabalhou muito para chegar até aqui, observando a escrita de muitas palavras, escrevendo e se questionando, utilizando e descartando diferentes hipóteses.

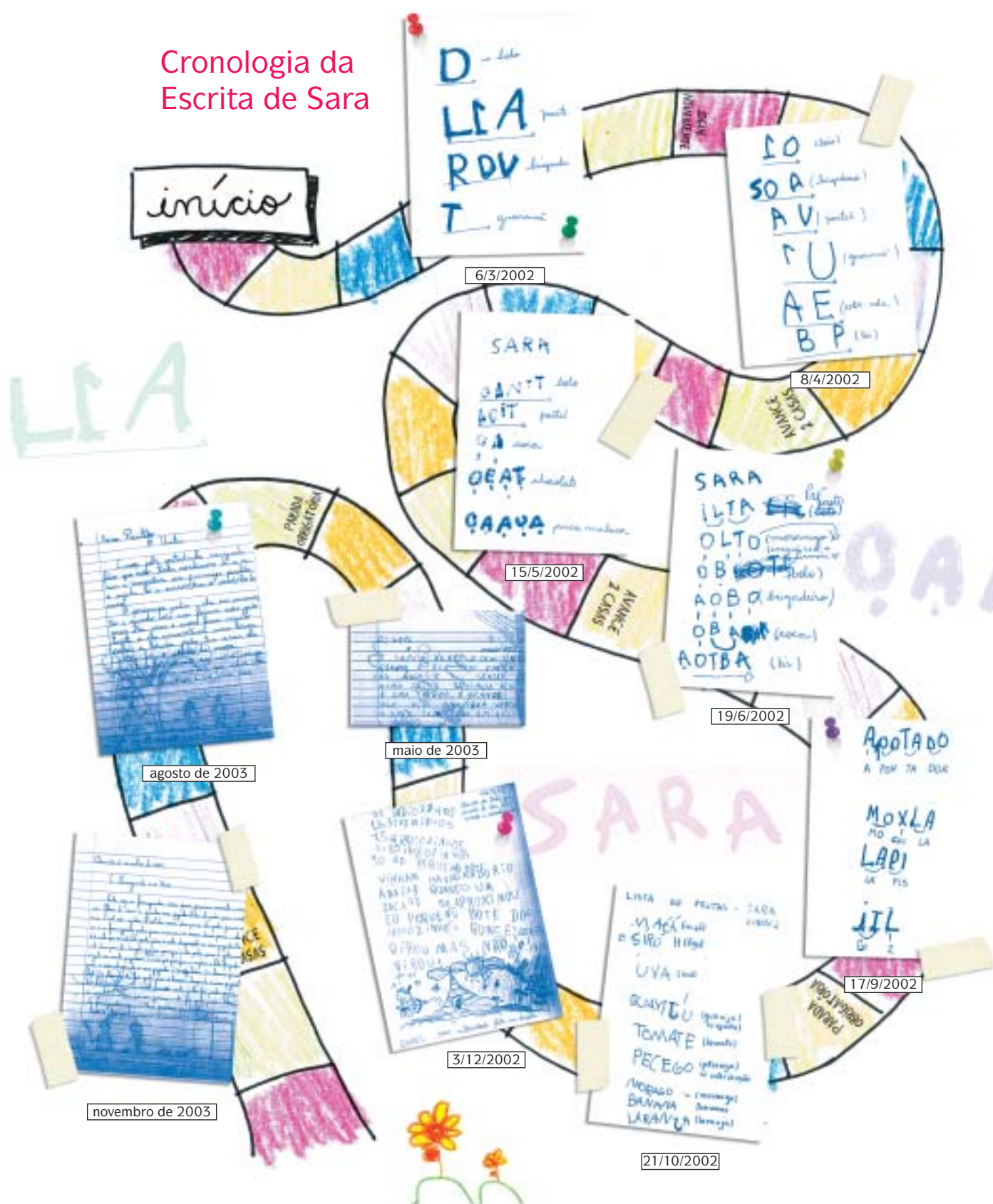
Os próximos textos de Sara mostram como ela evoluiu em sua escrita em apenas dois anos. É certo que sua escola promoveu um ambiente letrado, oferecendo diversidade textual, garantindo várias atividades com a língua escrita, que possibilitaram que ela analisasse e refletisse sobre as regularidades do sistema e sobre a linguagem com a qual se escreve. A partir da observação dos exemplos a seguir, uma outra conclusão a que podemos chegar diz respeito à pertinência dos textos propostos para escrita. Não se escreve por escrever, a escrita tem uma função comunicativa.



maio
de 2003
O sapo

Texto sobre
o Urutau,
escrito
em agosto
de 2003





■ *Psicogênese da Língua Escrita*. Emilia Ferreiro e Ana Teberosky. Editora Artes Médicas. Tel.: (11) 221-9033
■ *Ler e Escrever na Escola: O Real, o Possível e o Necessário*. Dêlia Lerner. Editora Artmed. Tel.: 0800 703 3444

